

# EXÉRCITO E POLÍTICA

GEN. JOÃO PEREIRA

Entre os fatores mais ponderáveis de desintegração de um exército, tenho para mim que nenhum haverá que sobreleve a velha e universalizada política de partidos, ou de facções.

Com ter o exército por fim precipuo a guerra, só no sentido de poder fazê-la nas melhores condições imagináveis, é que se devem nortear, invariavelmente, os seus pensamentos e os seus esforços. Os exércitos em que, ao invés de se consagrarem, de corpo e alma, indelentemente, beneditinamente, à sua preparação para a guerra, aqueles que os constituem se repartem em grupos de opiniões políticas diversificadas, consoante as suas conveniências, confessáveis, ou inconfessáveis, são exércitos, evidentemente, que jamais hão-de estar à altura da sagrada missão que lhes comete a pátria.

As lutas políticas, ou religiosas, foram em todos os tempos, e por toda a parte, as mais fecundas geradoras de ódios e de prevenções. Assim, tudo quanto se fizer por afastá-las das instituições armadas, será, sempre, obra do mais puro e louvável patriotismo.

A política é que cortou, de maneira insidiosa e desapiedada, os fortes laços do velho afeto e admiração que uniam os dois vultos mais laureados de nossa história militar — Luiz Alves de Lima, duque de Caxias, e Manuel Luiz Osório, marquês do Herval.

Verdade seja que fácil não foi, senão sobremodo remoroso e agrio, o trabalho daqueles que a maneiraram na objetivação dessa obra de impatriotismo. A força do mal, porém, é irresistível. Veiu, afinal, o incidente parlamentar provocado por José Inácio Silveira da Mota senador goiano, em que Caxias, já carregado de anos e enfermidades, e, ainda, por maior desgraça, sem grandes pendoros pela tribuna, se achou na dura obriga de levantar-se, ante os seus pares, para defender-se de acusações articuladas, contra ele, pelo seu colega, e em que este envolvia o nome do general Osório, e, aí, já não houve como atalhar o rompimento entre os dois inclitos soldados, indígetes da nacionalidade.

Recopilemos o acontecido.

Discursando no Senado, em meados de 1870, quando se tratava, ali, da fixação da força de terra e da resposta à fala do trono, Silveira da Mota, que, como Osório, pertencia ao partido liberal, fundado por Feijó, em 1835, valeu-se da oportunidade que lhe ensinava o assunto em exame, e entrou a incriminar Caxias, que era filiado ao partido conservador, fundado, em 1840, por Araújo Lima, de haver falseado a verdade, no "Diário de Operações do Exército", com respeito à atuação do marquês do Herval, no célebre combate de Itororó, e, o que mais é, para diminuí-la. Enfeixados, depois, em folheto, os três discursos que pronunciara, então, o senador goiano, foram eles endereçados ao general Osório, que os recebeu em Pelotas, no dia 13 de julho de 1870, ao tornar de largo passeio pela campanha do Rio Grande.

Embora, sabida e proclamadamente, homem de impressionante simplicidade e desambicioso de glórias, de dinheiro e de posições, era Osório daqueles para quem a franqueza e a verdade constituem divisa inalterável de seu viver. Assim, tanto que leu os discursos de Silveira da Mota, não teve dúvidas: escreveu-lhe, em 1.º de agosto, pormenorizada carta, em que deixava claro, como a luz solar, o que, de feito, se passara em referência, não só ao combate de Itororó, como também ao reconhecimento à viva força de Humaitá, uma vez que, na véspera, pelo que dizia, lhe chegara a atoada de haver dado Caxias versão contrária à sua, acerca desta operação.

No respeitante ao combate de Itororó, o que asser-toava Osório — e foi isso, justamente, o que aconteceu — é que, ao invés de se esquivar a ele, conforme parecia insinuar o "Diário de Operações do Exército", tudo havia feito para compartilhar dêle. Se não chegara a tempo à retaguarda do adversário, para atacá-lo nesse ponto, e facilitar, dessarte, a travessia da ponte do Itororó pelas demais forças, foi isso: em primeiro lugar, por já se ter iniciado o combate, quando lhe chegara a ordem do comando-chefe; em segundo, por ser de três léguas e meia a distância que teve de andar, por arenosa estrada, e não apenas de légua e meia, segundo informação do guia, major Céspedes, um dos escapos dos exércitos de Solano Lopez, que Caxias lhe encaminhara; e, por último, em virtude das resistências inimigas, com que se afrontara, no transcorrer da marcha. E, quanto ao reconhecimento de Humaitá, o que dizia é que só operou a retirada, à vista de ter sido essa a ordem que recebera do comando-chefe, por intermédio de seu ajudante de campo, major Francisco Silveira. Se, em vez dessa ordem expressa para retirar-se, adiantava ele, lhe houvesse Caxias, como asseverava, outorgado a liberdade de fazê-lo, ou não, teria prosseguido no reconhecimento, apesar do avultado número de perdas com que já contava.

Recebida a carta do centauro guasca, Silveira da Mota não perdeu tempo: foi à tribuna, em 9 de setembro de 1870, e, dali, a recitou, entressachada de comentários mais ou menos acres, em que se empenhava por deixar Caxias em situação penosa.

O pior é que, na realidade, não havia contradição

no que afirmava este, e no que dizia Osório. E não havia, pelo seguinte: relativamente ao combate de Itororó, por ser, também, Caxias, de opinião que o "Diário de Operações do Exército" não exprimia, em absoluto, o que se dera com o general Osório; e, com relação ao reconhecimento de Humaitá, por ser possível que houvesse Caxias, efetivamente, mandado dar a Osório a liberdade de retirar-se, ou de continuar a operação, conforme se lhe afigurasse mais aconselhável, e sê-lo, igualmente, haver Osório recebido apenas, pelo major Silveira, a ordem para retirar-se. De tal sorte, porém, já se haviam envenenado as coisas, que Caxias não trepidou em produzir um hiato em suas relações com o bravo companheiro e amigo de três decênios e de três campanhas.

Por maior agravamento, ainda, da situação, quando este chegou à corte, em 28 de abril de 1877, com o fim de tomar posse da cadeira de senador pela província do Rio Grande, para a qual fôra escolhido por carta imperial de 11 de janeiro do citado ano, o "Diário do Rio de Janeiro", pertencente aos conservadores, ressentido, talvez, com as homenagens transordinárias com que o recebeu o povo, tachou-o de insubordinado, por se não haver, segundo declarava, apresentado a Caxias, que era, então, ministro. E a esse motivo de agravamento, juntou-se, logo, outro: o discurso pronunciado pelo notável estadista Zacarias de Góis e Vasconcelos, do partido liberal, na sessão de 9 de maio de 1877, em resposta ao seu correligionário Silveira da Mota. Porque, estranhando o orador não haver Caxias, senador pela mesma província a que representava Osório, lhe estendido a mão, quando este ocupou seu posto, não obstante se encontrarem apenas, entre ambos, duas ou três cadeiras, forçou o duque a confessar de público que lhe

não fôra apertar a mão — ainda que o tivesse cumprimentado — em vista de estar mal com êle, desde a divulgação da carta a que antes, já me referi.

Era o epílogo. Zacarias, entre outras cousas, ainda disse, certamente para mais marfar e melindrar Caxias: "Quem sabe se não levam a mal que o marquês do Herval esteja constantemente cercado de amigos, que mal lhe deixam tempo para sair? Quem sabe se isso infunde a alguém apreensões?" Mas não precisava. A catástrofe já se havia dado.

Afortunadamente, o tempo, extinguindo as labaredas crepitosas dos rancores e das prevenções, dos ciúmes e dos interesses, nos dá, hoje, que possamos juntar no mesmo culto de amor e de veneração, o fidalgo e o plebeu, o prudente Caxias e o estuante Osório, dois dos grandes da Pátria, os maiores de nosso Exército.

Pena é, apenas, que nos não tenha aproveitado exemplo tão probatório dos graves males que a política pode causar aos militares que se não precatam contra as suas garras.

Sei eu que não é fácil resistir-lhe as seduções do canto. Este, não há dúvida, é deveras extasiante como o das Sereias de que nos fala Homero, na décima segunda rapsódia do poema imortal em que celebra as longas viagens, e a volta à Ítaca, de Odisseus, ou Ulisses. Preadam-se, porém, os militares, com os laços da fé e do entusiasmo, aos sagrados deveres da profissão, que tanta honra faz àqueles que se votam a ela, tal qual, ao mastro de sua nau, se atou, por conselho de Circe, a "deusa preclara", o avisado Ulisses, e deixem que embalde os chame a velha dama de voz amena e coração amargo. Não se abeirem dela. Os que o fazem, acabam, sempre, na dor e nas lamentações, no abandono e no arrependimento. É a lição da História.

x x x